

## 2

### **O Campo Empírico**

O estudo em que se baseia esta dissertação é de natureza exploratória, de base qualitativa e foi realizado com, aproximadamente, vinte e cinco crianças, com idades entre 08 e 13 anos, moradoras de uma comunidade de baixa renda situada em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Ao todo foram 24 encontros ao longo de 10 meses.

Nesse período, sucederam-se idas ao cinema, sessões de visualização realizadas na biblioteca do hospital, além das oficinas e videograções. As atividades realizadas com as crianças tinham como objetivo:

1- possibilitar a identificação de indícios e pistas sobre os possíveis elementos de mediação e significação fílmicas por elas construídos diante do que vêem, com destaque para a longa experiência que elas têm como espectadoras de televisão. A esse respeito, considero importante destacar que tal preocupação não estava presente no início de minha pesquisa. A presença dos modos de ver televisão impactando, de alguma forma, os modos de ver filmes é uma hipótese que surge e ganha força ao longo da pesquisa.

2 - conhecer as preferências que as crianças demonstravam diante do que era exibido e o que era levado em conta na produção dessas preferências.

3 - Conhecer suas lembranças de filmes — do que se lembram, como se lembram, que associações fazem entre o que foi visto antes e o que é visto agora, e assim por diante — e como estas são organizadas no tempo.

#### **2.1**

#### **Aspectos socioeconômicos**

As crianças que participaram deste estudo integram famílias pertencentes às classes populares, algumas delas, vivendo em condições bastante precárias. Para melhor dimensionar as condições de existência material em que vivem, visitei treze famílias (aquelas

às quais pertenciam as crianças mais assíduas às oficinas), com o objetivo de aplicar, junto aos pais, questionários relativos ao padrão sócio-econômico e ao consumo cultural das mesmas.

A análise desses dados, com base no <sup>1</sup>**Critério de Classificação Econômica Brasil**, apontou que a maioria das famílias enquadra-se nos padrões de consumo das classes D e E.

Quanto ao consumo de bens culturais, foi possível apurar que nenhuma das treze famílias entrevistadas tinha por hábito a leitura de um jornal diário. Aos fins de semana esse quadro sofria alguma alteração, com cinco das treze famílias consumindo algum jornal. Esses números se repetiam quando perguntados sobre o consumo de revistas semanais (Época, Veja, etc.)

Somente uma das famílias declarou possuir algum tipo de enciclopédia em casa. Esses números se invertem quando perguntados sobre a existência de livros de literatura em casa (X famílias dizem ter). Instrumentos musicais foi o item que alcançou maior equilíbrio entre os entrevistados: sete famílias declararam possuir algum tipo de instrumento e outras seis disseram que não. Nenhuma dessas famílias declarou possuir computador em casa.

Quanto ao nível de escolaridade dos pais, a análise dos questionários indicou que seis mães completaram o primeiro segmento do ensino fundamental e dois pais alcançaram essa mesma escolaridade. Outras sete mães concluíram o segundo segmento do ensino fundamental. O ensino médio foi concluído pelo pai de uma das crianças. Quanto ao número de pessoas residentes em cada casa os números foram os seguintes:

<b>Nº Habitantes residência</b>	1	2	3	4 a 5	6 a 8	+8
<b>Nº de famílias</b>	---	2	---	5	3	3

Tabela 1

<sup>1</sup> O Critério de Classificação Econômica Brasil, desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, enfatiza sua função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais”. A divisão de mercado definida abaixo é, exclusivamente de **classes econômicas**.

Um dado bastante significativo no contexto analisado é o que diz respeito à taxa de empregabilidade: metade dos entrevistados (pai ou mãe) declarou estar desempregada. O que chama a atenção nesse aspecto é que, apesar da precariedade material das casas, todas têm aparelho de televisão e de DVD; além disso, a maioria das crianças relatou ver filmes em DVD com bastante regularidade (o que implica gastos com locação e/ou compra de disco digital).

Vale dizer que não foi possível aplicar os questionários a todas as famílias: por mais de uma vez essa etapa teve de ser adiada por motivos que vão da inexistência de condições mínimas de segurança para percorrer as casas ao desencontro com as famílias em função de seus horários de trabalho.

Até mesmo uma greve dos funcionários do Hospital impediu uma visita previamente agendada para a aplicação dos questionários.

## 2.2

### **Conceitos Norteadores**

#### **Educação e comunicação: o contexto histórico dessas pesquisas**

Vistos com desconfiança por parte considerável das famílias, dos educadores e do meio acadêmico os meios de comunicação de massa - em particular o cinema e logo em seguida a televisão - são, desde sempre, questionados sobre os supostos malefícios advindos de seu consumo.

Em função dessa percepção, antes mesmo da primeira metade do século XX, prospera a idéia de empreender ações no sentido de ‘neutralizar’ os efeitos pretensamente negativos da mídia, aos quais os sujeitos, sobretudo crianças e jovens, estariam, irremediavelmente, submetidos.

De acordo com ALEGRIA (2007) em 1910, em Bruxelas, o *Troisième Congrès International d'Education Familiale* discutiu modos de classificar o cinema pelo seu conteúdo, visando responder à apreensão das famílias e dos educadores quanto à perniciosidade das películas junto aos mais jovens.

Na maior parte dos países onde a mídia se expandiu de forma significativa, uma das estratégias formuladas por educadores, preocupados com os possíveis danos decorrentes da exposição aos meios, consistiu na apresentação de propostas de ação preventiva visando dotar a sociedade de defesas diante do que era veiculado. Hipertrofiando as possibilidades do emissor, projetos desse tipo muitas vezes têm como objetivo dotar os sujeitos dos mesmos recursos interpretativos (em geral calcados em discussões de natureza ideológica) para que eles possam ler, ouvir e ver corretamente, como deve ser.

Assim, a sociedade em geral e a juventude em particular, uma vez sujeitas aos conteúdos expostos não estariam mais na condição de presas fáceis das intenções, quase sempre malignas, dos agentes emissores.

É nesse contexto que surge, originalmente, a Mídia-Educação. O discurso subjacente a essa análise dava conta de que era preciso proteger-se, prevenir-se e imunizar-se diante dos meios massivos de comunicação que começavam a ganhar força em termos globais e de que seria necessário empreender uma ação pedagógica no sentido de dotar os leitores, ouvintes e espectadores dos instrumentos necessários para não se deixarem apreender pelo discurso midiático.

Essa premissa de inculcação foi bem trabalhada por Len Masterman, professor da Universidade de Liverpool e um dos líderes do movimento pela Mídia Educação no mundo. Em sua clássica obra, *A rationale for Media Education in 1990 'Europa'*<sup>2</sup> (1994), Masterman observa os paradigmas que foram servindo de base para a mídia-educação em diferentes faixas históricas. Na abordagem inoculatória, as mídias aparecem como agentes de declínio cultural, uma “doença infecciosa” e veículo de anti-cultura. Esse pessimismo inaugura os estudos de comunicação, no final da década de 30. (DUARTE, 2005)

Esse quadro analítico permanece mais ou menos hegemônico até o início dos anos 80 do século XX, quando pesquisadores de Ciências Sociais e das Ciências da Comunicação começaram a dar-se conta, empiricamente, da fluidez que envolve as relações estabelecidas no contexto da comunicação de massas, passando a ter em conta a necessidade de se conhecer e estudar as práticas

---

<sup>2</sup> Tradução italiana: MASTERMAN, Len. *A scuola di media. Educazione, media e democrazia nell'Europa degli anni 90*. Milano: La Scuola, 1997.

empreendidas pelos usuários da mídia para lidar com os conteúdos por ela veiculados. Os estudos e práticas no campo da Mídia-Educação incorporaram esse novo modelo analítico. Até aqui, estamos falando de estudos desenvolvidos fundamentalmente em território europeu. A idéia de se “*educar para os meios*”, que se consolida na década de 1990, pode ser entendida como um esforço no sentido de melhor compreender a diversidade de estudos e práticas que apontavam, de maneira geral para:

1) o estudo dos usos escolares dos meios de comunicação como ferramentas educativas; 2) análises de conteúdo de produtos midiáticos (sobretudo de filmes e de programas de televisão); 3) estudos quantitativos que procuravam mensurar os efeitos das mídias sobre o comportamento de crianças e jovens; 4) formulação e desenvolvimento de propostas e métodos para ensinar os mais jovens a compreender e interpretar mensagens e códigos midiáticos (numa perspectiva defensiva, isto é, ensinando-lhes a se defenderem das estratégias de manipulação adotadas pela mídia em geral). (DUARTE, 2005)

Se na Europa o enfoque principal era o acima apresentado, nos Estados Unidos a preocupação maior, nesse mesmo período, apontava para os estudos sobre o impacto da violência veiculada pela televisão nas pessoas que se relacionam com ela regularmente.

A perspectiva teórica dotada nesse contexto é o behaviorismo e as pesquisas e práticas desenvolvidas buscam analisar, mais diretamente, os efeitos da mídia sobre o comportamento de seus receptores. Essa abordagem ocupa, ainda hoje, parte considerável dos esforços de pesquisa nos Estados Unidos

Enquanto isso, na América Latina, pesquisadores como José Martin-Barbero (Colômbia), Guillermo Orozco Gómez (México), Néstor Canclini (México), Beatriz Sarlo (Argentina), Valerio Fuenzalida (Chile), Tatiana Merlo Flores (Argentina), Mauro Wilton de Souza (Brasil), Nilda Jacks (Brasil), Maria Immacolata Lopes (Brasil), entre outros, vêm conquistando reconhecimento internacional com os trabalhos desenvolvidos em âmbito latino-americano. Nesse contexto, adquire projeção a Teoria das Multimeiações (proposta por Martin-Barbero e desenvolvida metodologicamente por Orozco Gómez) que dá sustentação a grande parte das pesquisas realizadas nesses países sobre às relações entre mídia e cotidiano e mídia e educação. A originalidade dessa

abordagem parece situar-se no entendimento de que os possíveis processos de construção de significados encontram-se mediados simplesmente pelos produtos que a mídia veicula, sem que isso signifique desconsiderar o peso que o universo particular do sujeito receptor tem nesses mesmos processos. Como articulador dessa lógica teríamos o contexto cultural no qual ambos, emissor e receptor, encontram-se inseridos.

Os estudos de recepção têm inspirado boa parte das pesquisas que o GRUPEM (Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia) vem realizando desde 2001. Minha pesquisa, em particular, procura respaldar-se teoricamente nessa abordagem teórica, fundamentalmente, por considerar o receptor como parte ativa nos processos de significação dos conteúdos e mensagens veiculados.

Compreender os processos de mediação e significação em sua fluidez e complexidade exige por parte do pesquisador uma abordagem multidisciplinar na qual conceitos são ferramentas a serviço da investigação.

Nesse sentido apresento a seguir os principais conceitos que melhor me auxiliaram na análise e compreensão do material empírico produzidos ao longo deste estudo

## **Recepção**

Na perspectiva teórica deste trabalho, falar de recepção implica entendê-la como fenômeno contínuo, complexo e contraditório. Trabalhar com o conceito de recepção, na perspectiva desenvolvida e aperfeiçoada por teóricos como Martin-Barbero e Orozco Gómez, implica considerá-lo como um fator interativo, capaz de comportar um amplo processo de negociação entre os agentes envolvidos nos processos de significação socialmente produzidos. Não se trata de desconsiderar a intencionalidade presente no que é produzido e veiculado pelos agentes que controlam a produção e distribuição do que a mídia veicula, mas considerar que a recepção se dá em um ambiente onde fatores

capazes de interferir nesse processo parecem estar fora do alcance e controle exclusivo do agente emissor.

### **Multimediação**

Conforme postulado por Orozco Gómez, trata-se de considerar que a interação mídia-receptor emerge de um processo complexo, multidimensional e multidirecional, abarcando vários momentos, cenários e negociações que transcendem o momento mesmo em que se está diante da tela de cinema, de um aparelho de TV, de um rádio, celular, DVD, jornal, revista etc. Dividindo esse caráter múltiplo em quatro grandes grupos (mediação individual, situacional, institucional e tecnológica) o autor defende que os processos de significação são anteriores ao momento em que as pessoas entram em contato com determinado produto ou texto midiático e não terminam no momento em se afastam dele.

### **Indústria cultural**

Desenvolvido por T. Adorno e M. Horkheimer (1947), o conceito de indústria cultural diz respeito a um sistema, desenvolvido no contexto do modo de produção capitalista, no qual, a partir do discurso sobre a necessidade de tornar as massas esclarecidas, a Cultura (no sentido de erudição, como os autores a entendiam naquele momento) é transformada em mercadoria a ser produzida de forma industrial (discos, livros, filmes, programas de rádio e de televisão), padronizada, e distribuída à baixo preço e baixa qualidade aos trabalhadores, atuando como domesticadora das aspirações destes.

### **Textura da experiência**

Esse conceito, desenvolvido por Roger Silverstone, atribui a experiência televisiva um nível de penetração e onipresença na em nossas vidas cotidianas a ponto de já não ser mais possível imaginar

como seria a existência individual e coletiva sem a presença desse dispositivo tecnológico.

Segundo o autor, a programação televisiva, seus formatos e seus horários “*nos proporcionan estructuras y modelos de vida doméstica o, por lo menos, de ciertas versiones de vidas domésticas.*” (Silverstone, 1994) Para Silverstone, a experiência com a televisão atravessa nosso modo de ver o mundo, conferindo uma nova textura a nossa experiência.

Se considerarmos que as crianças que participaram do estudo a que este trabalho se refere constituem a parcela da população brasileira que proporcionalmente destina a maior quantidade de horas diante da televisão, teremos motivos para suspeitar que, particularmente nesse caso, o conceito de “textura da experiência” ajuda a compreender os modos de ver delas no que se refere aos filmes.

### **Produção social do gosto**

Adotamos nesse estudo a posição teórica desenvolvida por P. Bourdieu em seu estudo intitulado “*Gostos de classe e estilos de vida*”(BOURDIEU, 1994) O conceito de formação do gosto, tal como o concebe este autor, pressupõe a existência de relações correspondentes entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida. Tais relações exprimiriam, de forma singular, as condições objetivas da existência material as quais os indivíduos encontram-se submetidos. Roger Silverstone, apropriando-se desse mesmo conceito, sugere que o consumo expressaria, também, a produção social do gosto, conferindo ou negando status aqueles que, através do consumo, expressam níveis de competência diante da produção cultural contemporânea.

### **Ato de espectatura**

O canadense Martin Lefbvre define o conceito em questão como sendo:



O filme como eu o vejo, como eu o concebo, como eu o represento para mim mesmo como eu o significo, a partir de minha história de vida, minhas experiências, minha formação e minha cultura cinematográfica. (apud DUARTE,2005:)

Esse conceito foi particularmente útil para a análise dos relatos das crianças sobre os filmes a que assistiram e sobre a maneira como os recontam. Segundo o autor, o caráter fragmentário da apreensão do que vemos em um filme é típico do ato de espectatura, ou seja, a relação que estabelecemos com narrativas fílmicas no momento em que entramos em contato com elas permite que guardemos delas apenas fragmentos, em geral, aqueles que foram mais significativos para nós.

## **Figura**

Para M. Lefebvre o conceito de figura diz respeito a segmentos dos filmes que são capazes de impressionar o espectador, de marcar, de forma definitiva, a lembrança que ele guardará do que viu e suas experiências posteriores com outras narrativas fílmicas.

## **Monitorio intermitente**

O conceito desenvolvido por V. Fuenzalida descreve o espectador de tevê como alguém que destina formas de atenção diferentes ao que é exibido, que podem e irão variar de acordo com uma série de fatores. O autor defende como improvável um mesmo estado de ânimo ao longo de todo o tempo em que se está diante de uma dada programação televisiva. O momento do dia em que se está assistindo televisão, a presença de outras pessoas nesse momento, o envolvimento com outras tarefas enquanto o aparelho de TV está ligado, entre outros irá determinar um monitoramento intermitente, capaz de oscilar e de estar atento, por exemplo, em alguns momentos, apenas às emissões de áudio.

Esse conceito foi particularmente caro a este estudo quando posto a serviço da hipótese de que, nas situações de visualização de filmes pelas crianças, seja na biblioteca do Hospital ou mesmo nas

idas ao cinema, esse modo de ver parece ser mobilizado pelas crianças, ajudando a desfazer a impressão inicial de que se tratava apenas de falta de hábito, distração, balbúrdia e/ou desinteresse pelo que estava sendo exibido.

### **Tática dos praticantes**

Esse conceito é utilizado aqui na definição elaborada por Michel de Certeau par quem as táticas dos praticantes estariam ligadas a:

“um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias(...)

[A tática] tem constantemente que jogar com os acontecimentos para o transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas(...) Mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião”. (CERTEAU, 1994: 46-47)

Para além das referências teórico-metodológicas adotadas nessa pesquisa, considero importante ressaltar alguns pressupostos que orientaram o cotidiano das relações pesquisador/pesquisados. Se, por um lado, o contato mais efetivo e organizado com autores ligados a Sociologia da Infância, com as questões consideradas de grande relevo para esse campo, só se tornou possível durante meus estudos de mestrado, por outro lado, não era a primeira vez que eu estava em contato direto e sistemático com crianças. Em função disso, a minha entrada no campo pressupôs, desde o início, um entendimento de que aquelas crianças não poderiam e não deveriam ser vistas como “simples objetos” disponíveis ao pesquisador como costuma estar a “lâmina” que será descrita e analisada, por olhares atentos, num laboratório qualquer de uma instituição de pesquisa. Tratava-se de considerá-los enquanto sujeitos de direitos, portadores de vontades e, principalmente, de saberes. Algo mais que um simples exercício de retórica, isso significou um compromisso

ético que me fazia refletir, antes e depois de cada entrada no campo, sobre o que eu estava construindo acerca daquelas crianças.

Logo de início elas me foram apresentadas sob a suspeita de um não saber, no caso um não saber sobre ver cinema. Além disso, antes mesmo de qualquer levantamento socioeconômico o senso comum já me indicava se tratar de uma infância pobre, com baixo rendimento escolar. Diante disso eu me perguntava desde o início sobre os cuidados necessários para não transformar minha pesquisa numa espécie de “atestado de óbito” que apenas confirmaria, do ponto de vista acadêmico, as piores suspeitas e prognósticos que o imaginário social costuma tecer sobre o horizonte dessas crianças.

Longe de pretender construir uma narrativa com contornos de exaltação fantasiosa o que eu buscava com determinação era uma aproximação com as formas de narrar daquelas crianças, convencido que estava de que tais formas, certamente, expressavam um discurso, um modo de pensar e de entender o mundo ao seu redor que como parte do meu desafio, eu deveria melhor conhecer e compreender.

Dito de outra forma, mesmo nos momentos em que me vi cercado das maiores dúvidas – e esses momentos foram muitos ao longo da pesquisa – havia em mim a crença de que aquelas crianças eram as protagonistas daquela pesquisa.

Portanto, o sucesso ou fracasso de minha pesquisa decorreria, em boa medida, da minha capacidade em construir respostas para as questões que estavam sendo colocadas por aquele conjunto de crianças, ao mesmo tempo niveladas entre si e portadoras, cada uma delas, de singularidades que as tornavam únicas. É nesse sentido que apresento um fragmento que no campo da Sociologia da Infância me parece paradigmático em termos de pesquisas envolvendo a participação de crianças.

Temos feito no Brasil, nos últimos vinte anos, um sério esforço para consolidar uma visão da criança como cidadã, sujeito criativo, indivíduo social, produtora da cultura e da história, ao mesmo tempo em que é produzida na história e na cultura que lhe são contemporâneas. (KRAMER. S, Cadernos de Pesquisa. 2002: 42)

Ao longo de minha pesquisa foram produzidas videograções e entrevistas. Essas, por sua vez, contaram com o consentimento expresso das crianças que contribuíram para a pesquisa. Fazem parte do acervo da pesquisa gravações onde peço o consentimento delas para gravar tudo o que é dito. O conteúdo dessas entrevista foi previamente transcrito e inserido no ambiente NUD\*IST. Através desse programa foram realizadas diferentes análises descritivas dos textos tendo como ponto de partida a definição de categorias de análise (teóricas – definidas a partir da literatura de referência – e não teóricas – extraídas da primeira leitura geral das entrevistas. Essas categorias permitiram a organização de informações, impressões, idéias, opiniões e reflexões que as crianças emitiam a partir dos diferentes filmes a que tiveram acesso durante a pesquisa e, também aqueles que elas conheciam anteriormente. No processo de análise das categorias que foram emergindo, a partir da inserção das entrevistas no ambiente NUD\*IST, algumas foram abandonadas, outras reagrupadas em novas categorias portadoras de maior apelo analítico.